

OTIVM, MATERIALIDADE E PAISAGEM NAS VILLAE DO ALTO ALENTEJO PORTUGUÊS EM ÉPOCA ROMANA

OTIVM, MATERIALITY AND LANDSCAPE IN THE ROMAN VILLAE OF ALTO ALENTEJO (PORTUGAL)

André Carneiro¹

Recibido el 23 de mayo de 2014. Aceptado el 27 de septiembre de 2014

doi

Resumo

A arquitectura das *villae* foi cuidadosamente pensada para permitir o máximo desfrute de uma vivência de gosto urbano e cosmopolita. A atenção dada à inserção da construção na paisagem, as soluções para harmonizar o espaço exterior criando atmosferas favoráveis, a contemplação para o exterior e a criação de espaços e ambientes construídos que permitissem potenciar o *otium* e o *convivium* são discutidos neste trabalho, com exemplos de sítios no Alto Alentejo.

Palavras-Chave

Villa romana; Alto Alentejo; arquitectura romana; programas decorativos romanos; cultura e erudição no mundo romano

Abstract

Roman *villae* were carefully designed to fulfil the urban and cosmopolitan way of living. Considering some archaeological sites in Alto Alentejo (Portugal), one intends to discuss the adjustment of the built structure to the landscape, the creation of chosen atmospheres by modelling the outer space, the countryside contemplation and the creation of spaces and indoor environments that would promote *otium* and *convivium*.

Keywords

Roman *villa*; Alto Alentejo; Roman architecture; Roman decorative programs; culture and scholarship in the Roman world

1. Universidade de Évora. Correo electrónico: andre Carneiro@gmail.com

0. INTRODUÇÃO

Durante a época romana, a grande estrutura fundiária que marca a paisagem rural é a *villa*. Lugar de múltiplos significados, nele se junta a opulência do ambiente urbano com a inserção no meio campestre. Apesar de ser apenas uma residência privada, foi um ponto fundamental na tessitura das alianças políticas, sociais e económicas, pelo que assumia um cariz semi-público, a ela unicamente acedendo os amigos e convidados do seu proprietário. Mas a sua dinâmica é mais vasta, pois constitui o elemento estruturante na ligação à terra, na dinamização sócio-económica do território envolvente e funciona como pilar na difusão dos códigos comportamentais e nos valores culturais que caracterizam o mundo clássico.

Por todos estes motivos, o fascínio que exerceu tornou-se duradouro. Pelos ideais que expressava, materializados na opulenta estrutura arquitectónica e decorativa, a *villa* tornou-se um paradigma de uma forma luxuosa e requintada de vivência no campo, em especial após a sua *reabilitação* conceptual operada a partir do Renascimento. Hoje em dia permanece o principal foco de atenção da investigação arqueológica, fascinada pela possibilidade de recuperar os ricos ornamentos que a decoravam. Tem concentrado de tal modo o olhar dos arqueólogos que a paisagem rural romana é ainda hoje encarada como uma *sucessão* de *villae*, apesar dos recentes progressos da investigação que mostram cada vez mais como os campos estavam ocupados por uma multiplicidade de formas de povoamento. Finalmente, junta-se a profusão de referências nos textos da própria época romana, que nos permitem reconstituir com alguma verosimilhança as vivências e actividades que decorreram nos seus espaços.

Se no actual Alentejo é ainda escasso o número de sítios cuja *pars urbana* tenha sido integralmente escavada, de modo a termos a percepção dos modos como se organizavam as planimetrias arquitectónicas e sua função, temos mesmo assim alguns dados que nos permitem detectar os *perfis vivenciais* dos sítios desta categoria. A sua análise e inserção paisagística ensaiam-se de seguida.

1. O ALTO ALENTEJO: ESPAÇO GEOGRÁFICO, PERFIS DE POVOAMENTO E ACTIVIDADES ECONÓMICAS DURANTE O IMPÉRIO

Em termos genéricos, a região alto-alentejana cumpre na perfeição os requisitos enunciados pelos tratadistas latinos, adequando-se bem ao cultivo dos produtos que compõem a designada *tríade mediterrânica*: a azeitona, os cereais e o vinho, de cuja exploração encontramos abundantes evidências arqueológicas². Este cruzamento entre a paisagem real, que o olhar hoje alcança, e o quadro idealizado pelos tratadistas latinos como a *paisagem ideal* que deveria rodear a *villa* e prover ao seu sustento económico, tem de algum modo ajudado a mascarar outras potencialidades

2. CARNEIRO, 2011: vol. I, 100–110.

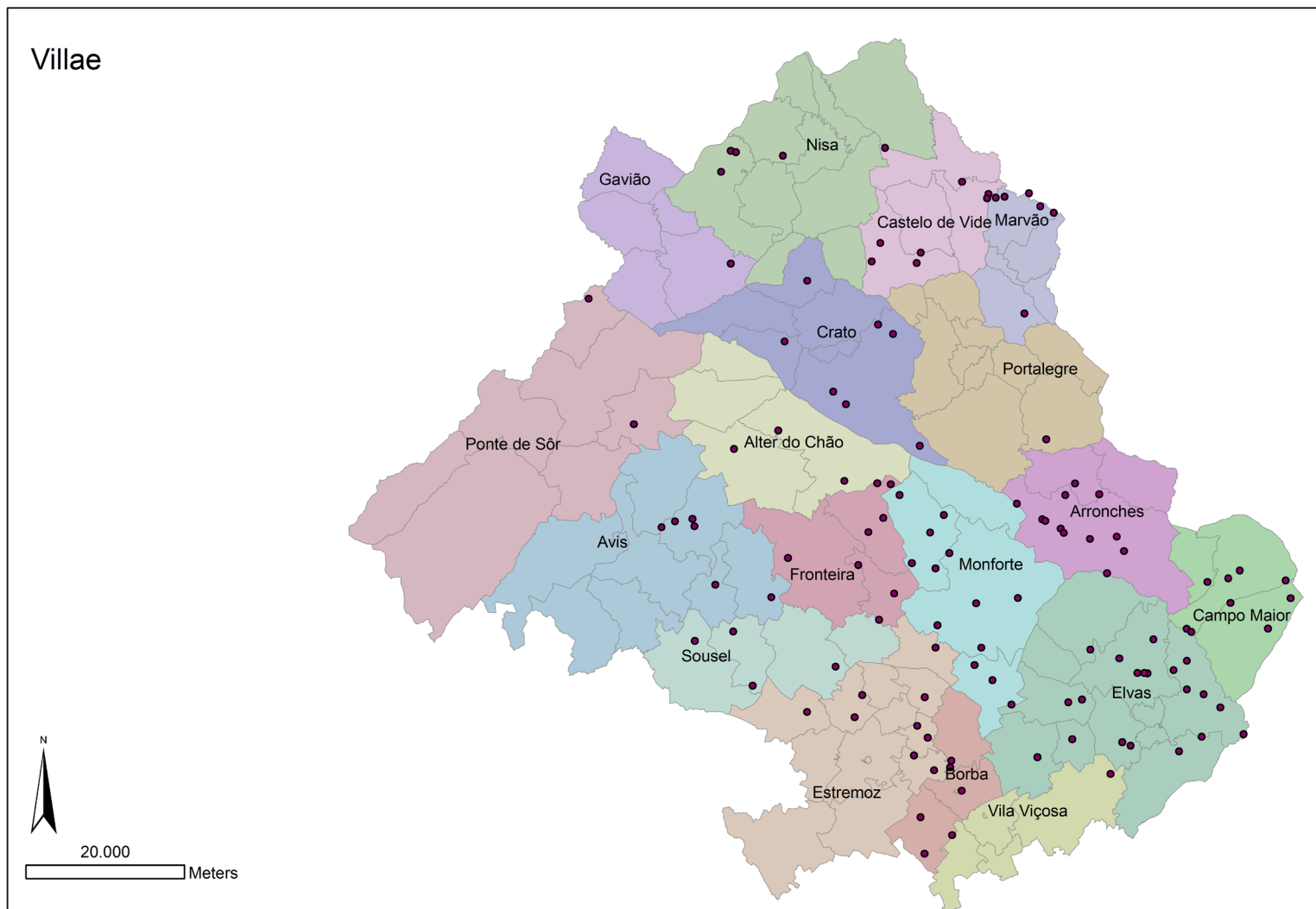


FIGURA 1. CARTOGRAFIA DOS SÍTIOS INTERPRETADOS COMO *VILLAE* NO ALTO ALENTEJO (CARNEIRO, 2011).

que o território oferece. Desde logo a existência de recursos da máxima importância geo-estratégica para a economia imperial, como os mármoreos do anticlinal de Estremoz ou as explorações auríferas do Tejo, mas também a existência de numerosos aquíferos e recursos hídricos que potenciam a prática de uma agricultura de regadio que poderá ter conhecido grande vitalidade. Este fenómeno é visível na existência de um grande conjunto de barragens e de sistemas de contenção de água, mas também indirectamente pela cartografia do povoamento das *villae* que em alguns territórios apresentam grande contiguidade (FIG. 1) o que motivaria a existência de *fundi* relativamente restritos e onde os territórios de exploração provavelmente recorriam

a produções de elevado rendimento³. Por estes indicadores indirectos vemos que a exploração do território assentaria em recursos mais variados do que a visão tradicional nos mostra embora, neste como em outros domínios, apenas o progresso da investigação —nomeadamente, a escavação de mais estruturas identificadas como *pars rustica* ou de complexos produtivos— possa trazer novos dados para análise.

Em termos gerais, e apesar da diversidade paisagística existente, o quadro fisiográfico também se enquadra bem no espírito da *contemplatio* latina: relevos suaves e ondulados, horizontes amplos, diversidade de acesso a recursos hídricos e um quadro semelhante ao território de origem dos colonos itálicos. Se Columela⁴ considera como requisitos imprescindíveis a fecundidade do solo e a salubridade do clima (temperatura agradável, paisagem aberta, solarengo e arejado), podemos então considerar que estes preceitos se encontravam integralmente cumpridos na área territorial em análise.

2. A INTEGRAÇÃO NA PAISAGEM: EM BUSCA DO PARADEISOS

No Alto Alentejo observamos um padrão constante na implantação das *villae* na paisagem. As linhas de força são idênticas, o que no terreno concede um indiscutível *ar de família* aos sítios interpretados como *villa*. Talvez o local que melhor corporize esta sensação corresponda a Torre de Palma (Monforte): embora não esteja junto de uma linha de água relevante, o local encontra-se próximo de abundantes aquíferos, que inclusivamente provocam sazonais inundações na estrutura do baptistério paleocristão. Na envolvente existe uma ampla variedade de classes de solos, desde uma mancha de tipo A que propicia culturas hortícolas de elevado rendimento, até extensas áreas mais apropriadas para olivais, ou mesmo o *saltus* que servia para actividades de *venatio*, pastoreio ou recolha de lenha. A exposição solar é privilegiada, observando-se que o edificado se orienta para beneficiar do máximo de luminosidade possível, bem como o amplíssimo horizonte visual que se desfruta, em especial para Sul e Oeste.

Olhando para a região, cartograficamente vemos como as *villae* se aproximam das linhas de água, em especial dos cursos de segunda ordem, mais fáceis de conter e *domesticar* recorrendo a barragens e outras estruturas de contenção hídrica. Assim, funcionaram para fins de agricultura de regadio, bastando observar a concentração deste tipo de estruturas⁵ para se perceber como foram elementos fundamentais na economia agrícola, enquanto em certos sítios se construíram tanques e estruturas de tipo *natatio* para criar espelhos de água e elementos modeladores da paisagem observada, propiciando também micro-climas mais amenos⁶ dada a sua posição

3. A presunção da existência de latifúndios é contrariada pelas próprias fontes (Plínio-o-Velho *N.H.* 18.35; também a *villa Laurentina* de Plínio-o-Jovem não tinha campo agrícola —*Ep.* 4.6—, embora se deva notar que fosse uma *villa a mare*, de um paradigma conceptual distinto), mas tem sido um preconceito permanente na investigação.

4. *De Re Rustica* 1.3.1; 1.4.2. Genericamente, contudo, as recomendações repetem-se em todos os textos da época. Veja-se a leitura moderna em GORGES, 1979: 59–81, para a *Hispania*.

5. QUINTELA, CARDOSO & MASCARENHAS, 1987, com actualização em 1999.

6. Veja-se o caso do espelho de água em Quinta da Longas (Elvas), cujas placas e frisos marmóreos decorados

junto ao edificado⁷. Desta forma, a implantação das *villae* não se encontra junto ao leito dos grandes rios⁸, mas próximo de cursos de água secundários, de mais fácil *domesticação* e represamento. Verifica-se ainda que muitos sítios se encontram implantados junto a mananciais, fontes e poços⁹.

Vemos também como a implantação das *villae* alto-alentejanas se concentra nas cotas absolutas de 250 a 350 metros acima do nível do mar, ou seja, na faixa central do território, evitando as cotas mais baixas, próximas do leito do Tejo, ou as mais elevadas, na ascensão para a Serra de São Mamede. Em geral, este padrão mantém-se em todo o Alentejo. Da mesma forma, o edificado orienta-se para beneficiar do máximo de exposição solar, em posição voltada a ocidente ou, mais normalmente, Oés-sudoeste, o que lhes permite também protecção face à orientação do ventos dominantes, situação que também é maximizada pelo facto de geralmente se implantarem na face de uma encosta suave. Este facto permite também que todas as *villae* beneficiem de grande visibilidade para a envolvente, criando pontos de contemplação muito agradáveis para a paisagem em redor.

Note-se contudo que a relação visual com a paisagem é tão relevante que por vezes leva a escolher implantações atípicas, que fogem à norma. Serve como exemplo o conjunto de *villae* que se implantam em alinhamento sequencial junto ao rio Sever: Tapada Grande (Castelo de Vide), Garriancho, Torre do Azinhal, Pereiro e Pombais (todos em Marvão) encontram-se completamente expostos a Norte, desfrutando de um magnífico panorama para a Beira Baixa e para os contrafortes da Serra da Gardunha, mas expostos aos frios ventos da Beira. Todavia, é esta a única orientação que possibilita uma *contemplatio* livre de horizontes, o que explica o facto de todos estes grandes sítios estarem orientados para uma localização que foge completamente à norma regional.

Nota-se ainda uma distância padronizada em relação aos principais eixos viários, cumprindo as recomendações literárias que apontavam para um prudente espaçamento (nunca superior a um quilómetro), de modo a preservar o sossego e privacidade indispensáveis aos ambientes domésticos¹⁰. Fazendo a ligação entre vias e *villae* encontram-se por vezes os *diverticuli* privados que ficaram fossilizados

infelizmente sobreviveram apenas de modo residual, mas que, estando junto ao edificado, deveriam criar um ambiente contemplativo extremamente agradável (CARVALHO & ALMEIDA, 2003). Mais para o Sul, observem-se também os grandes tanques situados defronte da área edificada de São Cucufate (Vidigueira) e de Pisões (Beja).

7. Como a monumental estrutura do sítio de Ovelheira, de grande porte e considerável altura, que se encontra mesmo junto ao conjunto de construções.

8. Com a ocorrência de pontuais excepções, como a grande *villa* de Alfarófia (Elvas), situada próximo do curso do rio Guadiana, em zona de alagamentos que, na década de setenta do século passado, foi aproveitada para o cultivo de arrozais, que a danificaram severamente.

9. Relembro o já citado exemplo de Torre de Palma. Estes recursos hídricos eram essenciais para viabilizar a actividade agrícola, motivo pelo qual chegaram a ser objecto de agradecimento votivo, como na epígrafe dedicada a *Fontanus* proveniente de Ladeira, Ervedal (IRCP n.º 437; CARNEIRO, 2009–2010: XI). Actualmente ainda se encontram estruturas cuja alvenaria poderá ser romana, funcionando como poços ou fontes de mergulho (como nos sítios arqueológicos que se encontram em sequência: São Pedro - junto a uma «Fonte Santa», Santo Cristo —ambos em Fronteira— e Santo António das Paredes, Monforte), ou ainda com propriedades pretensamente *santas* ou curativas, como em Mosteiros, Castelo de Vide.

10. Columela (*De Re Rustica* 1.3 e 5) adverte para o facto de o costume de hospitalidade aos viajantes poder ser ruinoso para um *dominus* mais desprevenido. Também Varrão (*De Re Rustica* 1.16) alerta para a insegurança e perturbações da ordem que os viajantes causam.

na paisagem, como o que permitia a ligação da *villa* de Horta da Torre (Fronteira) ao itinerário da possível via XIV.

3. SER VISTO, VER E VIVER: *OTIVM ET CONTEMPLATIO*

3.1. *OTIVM*: A MODELAÇÃO DA PAISAGEM

A característica mais notável das *villae* reside no modo como se procura a perfeita articulação da estrutura construída com a paisagem envolvente. Essa integração processa-se em dois sentidos: no projecto arquitectónico dos edifícios; mas também na modelação da paisagem envolvente, recorrendo a acções de engenharia (barragens, aquedutos, etc.) ou do que poderíamos designar de *arquitectura paisagista*, criando ambientes e cenários artificiais, como o represamento de ribeiros que criam espelhos de água, ou em processos mais difíceis de detectar arqueologicamente, como através de introdução de flora e fauna exótica, por exemplo. O objectivo é sempre constante, embora em evolução permanente¹¹: que a paisagem funcione como uma moldura da estrutura construída, e que esta se funda no panorama envolvente em absoluta harmonia. Este esquema operativo é válido para a criação dos ambientes interiores, permitindo que o espaço exterior seja trazido para dentro da casa, seja pela utilização de jardins e fontes ou quedas de água em espaços concretos (por exemplo, o peristilo ou os salões principais), seja por mecanismos de *trompe l'oeil* das cenas de paisagens campestres inscritas em pinturas murais, situação que infelizmente não temos documentada no Alto Alentejo. Nesse sentido, o tratamento arquitectónico foi pensado interna e externamente como uma *imitatio* da natureza, para nela se inscrever em plena sintonia de acordo com os gostos e aspirações do *dominus*.

Fora do edificado, algumas estruturas construídas funcionavam como modeladores de paisagem: desde logo temos diversas estruturas de contenção hídrica, que em algumas situações são utilizadas para propiciar ambientes mais frescos, onde o tanque ou a *natatio* funcionam como um amenizador do horizonte visual. Já foi referido o caso mais emblemático, a *natatio* de Quinta das Longas (Elvas), entre a *pars urbana* e a ribeira de Chaves que, com o seu forro pavimentado a mármore, funcionava como um elemento que valorizava o próprio edificado, recorrendo certamente aos jogos de reflexos do espelho de água¹².

11. O processo inicia-se com o contacto com as comunidades helénicas do centro-sul da península itálica, acentua-se com a conquista do oriente helenístico e o seu *modus vivendi à la grecque* (ZARMAKOUPI, 2010: 34 e ss.), atingindo o seu auge nas *villae* áulicas do século IV. A bibliografia existente é numerosa mas veja-se, entre outros, BARTON, 1996; MARZANO, 2007; TERRENATO, 2007; para o contexto cultural, torna-se fundamental o clássico estudo de D'ARMS, 1970.

12. Embora sejam frequentes as advertências quanto aos perigos das águas estagnadas, porque causadoras de enfermidades (Varrão 1.12.2; Columela 1.5.6), vemos que os espelhos de água, naturais ou artificiais, tinham diversas funções, entre as quais podemos enumerar situações de cariz estético (a contemplação da água, propiciando o diálogo entre o *dominus* e os seus convivas, ou a reflexão criativa) mas também utilitárias, como a amenização de altas temperaturas e o represamento de água para algumas finalidades concretas (balneários termais, por exemplo). Este conjunto de situações mantém-se para tempos tardios: note-se como Sidónio Apolinário nos retrata a sua *villa* de

Em outros casos vemos alterações topográficas que poderiam corresponder a terraços ou plataformas que valorizavam o edificado ou o alteavam, de modo a que a sua imponência visual ficasse reforçada se contemplado à distância. Embora não se conheçam criptopórticos para as *villae* do Alto Alentejo, verifica-se em certos sítios o alteamento face à envolvente, criando uma dimensão cenográfica distinta. Em outros sítios concretos terá existido uma monumentalização da inserção do sítio na paisagem, ou seja, a criação de patamares e plataformas, fosse por aterro ou por terraplenagem, que destacam o sítio para quem o observa de longe. Dois exemplos concretos no Alto Alentejo: Mosteiros (Castelo de Vide), se acaso o local for uma *villa*, onde ao longo da subida na elevação existem pelo menos três grandes núcleos estruturais, em um caso com uma grande plataforma feita por um pavimento de *opus signinum* ainda parcialmente aflorando no terreno, com pelo menos vinte metros de comprimento ao longo da plataforma, criando um *podium* de onde se desfruta um amplíssimo panorama; e a estrutura do topo, onde uma envolvente de meia-cana em *opus caementicium* rodeia uma outra plataforma de amplas dimensões que sobre-eleva a estrutura em cerca de três metros em relação ao solo envolvente, o que lhe concederia um enorme destaque quando contemplada à distância. O outro sítio que pode ser invocado como exemplo consiste em Casarões da Misericórdia (Campo Maior), em cuja implantação, com uma cota absoluta relativamente baixa de apenas 220 metros, se pode desfrutar de um dos mais amplos panoramas que se desfrutam a partir de sítios de época romana no Alentejo, sobre todo o vale do Xévora e pelo território espanhol até Albuquerque. Este local beneficia de um aterro que criou uma plataforma, além de uma estrutura em ábside implantada precisamente no extremo da elevação, que por certo concederia uma apreciável monumentalidade e destaque visual se observada de longe.

Em outros locais encontramos soluções que apontam para um ganho de visibilidade das *villae*, que permite um destaque na contemplação a longa distância, no *ser visto*. Esta monumentalização criava assim um referente visual com alguma espectacularidade, que transformava estes locais em *marcos na paisagem* relevantes, colocando a estrutura construída em planos de observação a média e longa distância.

Inversamente, detectam-se soluções para que os sítios ganhem amplitude na contemplação da paisagem que se desfruta a partir do próprio local. Estas situações são variadas e de distintos investimentos. Em alguns casos temos a modelação do terreno para criar um tipo de *villa* em patamares, que inclusivamente propiciariam jogos de água e pequenas cascatas, como poderá ter ocorrido em Santa Vitória do Ameixial (Estremoz), onde a importância da água enquanto elemento de *amoenitas* é bem evidente¹³. Temos ainda estruturas simples, mas eficazes, como o banco

Avitacum, onde foi criado um lago artificial que servia como elemento de contemplação, mas também dele partia uma conduta que alimentava o edifício termal: *Ep.* 2.2.4-13.

13. Vejam-se as referências oitocentistas: «restos de hum aqueducto, lágos para recolher as ágoas. Hum destes tem noventa palmos de comprido, dez palmos de altura, e com parede de dois palmos e meyo de largura de materia soledíssima, e dois lágos mais pequenos, que estão quaze demolidos.» (FONSECA, 2003: 194, transcrevendo as notas deixadas por António Henriques da Silveira). Teríamos assim um aqueduto para abastecimento (aliás comprovado na intervenção arqueológica de José Luís de Matos em 1970), um espelho de água de tipo *natatio* e dois tanques, talvez relacionados com o estabelecimento termal.

corrido que garante a fachada oeste da *villa* de Torre de Palma, virado para a zona de mais vasta contemplação da paisagem; ou a monumentalidade arquitectónica do edificado, como são exemplos a varanda de São Cucufate (Vidigueira) ou poderia ser o torreão quadrangular de *villa Cardilius* em Torres Novas, já fora da região alentejana.

No tipo de efeitos que modelam a paisagem para criar efeitos visuais significativos poderemos citar um outro exemplo, muito relevante. Trata-se do espaço de ninfeu em Quinta das Longas, debruçado sobre o leito da ribeira de Chaves, e que provavelmente beneficiaria de uma *esplanada* ou varandim avançado, eventualmente com uma pequena ponte que permitisse a passagem para a outra margem do curso de água. Talvez o sítio fronteiro de Torre de Sequeira 1, com uma edícula que levou à interpretação como mausoléu¹⁴, pudesse afinal ser um pavilhão de Verão para que o *dominus* desfrutasse dos seus momentos de leitura e escrita, como nos surge descrito nas epístolas de Plínio-o-Jovem¹⁵, assim se explicando os achados de fragmentos de *dolium* e de ânforas da *Baetica* no local.

3.2. CONTEMPLATIO: ESTRUTURAS E ESPAÇOS ARQUITECTÓNICOS NA RELAÇÃO COM O ESPAÇO EXTERIOR

Para o território do Alto Alentejo temos poucos dados que nos permitam perceber a relação da estrutura arquitectónica com a paisagem. Poucas são as *villae* intervencionadas, e ainda menos as que o foram integralmente. Por isso dispomos de escassíssimas plantas que permitam perceber a relação do edificado com o espaço exterior e, à excepção de São Cucufate, não dispomos de dados que nos permitam perceber como era utilizado um elemento muito relevante na estrutura arquitectónica: a varanda, que permitia a contemplação do *fundus* e dos trabalhadores envolvidos em actividades agrícolas¹⁶.

Todavia, alguns dados existem. Regressemos ao sítio de Quinta das Longas, pois o mais relevante exemplo já foi anteriormente focado: a relação visual que se estabelece entre o espaço nobre por excelência da *villa* e a ribeira de Chaves. Sem dispor de grande panorâmica para a paisagem, o ninfeu teria a ábside voltada para o curso de água, sendo de admitir que o edifício tivesse uma passagem ou varandim que permitisse a contemplação da ribeira, ou inclusivamente uma ponte que permitisse a transposição para a outra margem, onde outras evidências arqueológicas surgem¹⁷.

Uma relação muito próxima com a água teria também o sítio de São Salvador, em Campo Maior (FIG. 2)¹⁸. A intervenção arqueológica pôs à vista parte significativa da *pars urbana*, percebendo-se ainda que algumas divisões do edificado terão

14. ALMEIDA, 2000: n.º 21.

15. *Ep.* 2.17.

16. Cassiodoro, autor do século V, gaba o gosto que tinha em observar da sua casa os seus trabalhadores ocupados no quotidiano agrícola.

17. O sítio de Torre de Sequeira 1, mencionado na nota 13.

18. A única informação publicada sobre o local refere-se a uma breve nota (DIAS, 1994). Desta forma foram consultados os relatórios das escavações conduzidas em 1992 e 1993 sob a orientação de Ana Carvalho Dias e

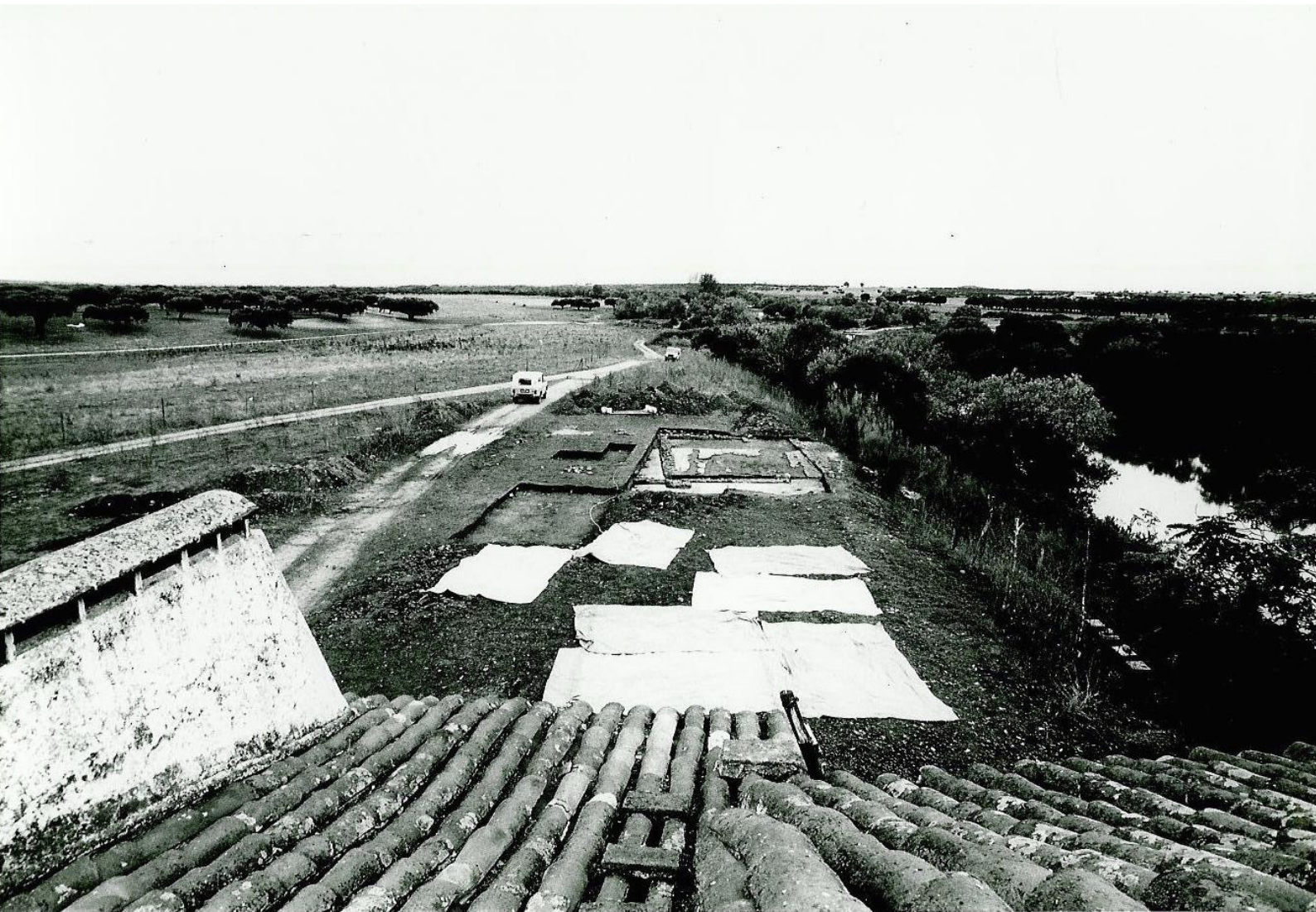


FIGURA 2. FOTOGRAFIAS APÓS A ESCAVAÇÃO ARQUEOLÓGICA EM S. SALVADOR (CAMPO MAIOR)
RELATÓRIO DE TRABALHOS ARQUEOLÓGICOS DA RESPONSABILIDADE DE ANA CARVALHO DIAS (1994).

entretanto caído ao rio Xévorá, que corre mesmo junto à *villa*. Todavia, ficou evidente o alinhamento paralelo que a casa teria face ao rio, de modo a desfrutar pela maior extensão possível da visualização do panorama que a linha de água propicia. Da mesma forma, os compartimentos principais apresentam grandes vãos e planos corridos, indicando que a *contemplatio* do rio teria sido determinante na concretização do projecto arquitectónico. Orientados em torno de um grande peristilo, que forma a linha axial da casa, existiam seis grandes compartimentos, alinhados

depositadas na actual Direcção Regional de Cultura do Alentejo em Évora (Processo IPPAR 4.04.009). Contudo, não existe um levantamento em planta do sítio.

em função do curso de água, sendo um deles (denominado B) uma possível varanda de contemplação, com uma faixa de mosaico guarnecendo um pavimento em *opus signinum* (todos os restantes compartimentos apresentavam pavimentos em mosaico). Ao principal conjunto edificado seguia-se um outro, em patamar topograficamente inferior e mais próximo do rio (e por ele destruído, tratando-se o Xévora de um curso de água irregular e dado a caudais violentos em ocasiões de forte pluviosidade), indicando portanto uma *villa* com pelo menos dois terraços. Em resumo, portanto, todo o plano arquitectónico e o próprio tratamento da inserção na paisagem foram construídos em função da relação visual com a linha de água que, em última instância, explica a atípica implantação espacial de São Salvador, em fundo de vale (embora com boa visibilidade) e tão próximo do leito de cheia que tal circunstância levou à mutilação de parte da evidência arqueológica em períodos posteriores.

Um outro exemplo das discontinuidades topográficas originadas pela presença de uma linha de água percebe-se no sítio de Carrão, uma *villa* implantada na mesma área regional (concelho de Elvas). Mais uma vez, temos um local intervencionado sem que os resultados fossem divulgados publicamente, mas existem algumas notícias desconexas¹⁹. Por eles percebe-se estarmos perante uma *villa* áulica de peristilo, com vários compartimentos, sendo um de planta absidal, estando todos revestidos com painéis de mosaico. O dado relevante resulta da menção a «quatro planos de nível diferente»²⁰, o que pode indicar uma construção em patamares na direcção da ribeira, o que ainda se nota na visita ao local, onde um paredão de barragem de pequenas dimensões indica a *domesticação* do curso de água com o objectivo de criar um espelho de água que concedesse *amoenitas* ao local. Adicionando a menção a uma escultura encontrada (mas não recolhida), percebe-se que estaríamos perante uma *villa* de elevado requinte decorativo, tirando partido do meio envolvente, que em grande medida modificou, com um plano arquitectónico criado para obter um efeito da máxima amenidade, propiciando uma relação tranquila com a paisagem.

Um sítio notável, que nos poderia proporcionar muitas informações sobre as *villae* de *contemplatio*, poderia ser Santa Vitória do Ameixial, se não tivesse chegado até nós tão depredada e se as intervenções arqueológicas tivessem sido mais contínuas no tempo e coerentes no espaço. Fica assim por identificar no terreno a referência antiga a um torreão no ponto mais elevado do local onde se implanta a *villa*²¹, estrutura que poderia servir para uma visualização panorâmica da paisagem envolvente. Talvez assim se explique a ocorrência de «uma escadaria de acesso a um piso superior»²² detectada em intervenção arqueológica recente. Da mesma forma, é curioso salientar a ocorrência de uma estrutura destacada do núcleo principal, com interessantes paralelos formais com o que se verifica em Quinta das Longas/

19. Ver HELENO 1951: 91–94; sintética descrição dos achados em DEUS, LOURO & VIANA 1955: 568–569 e lam. 4 e 5; VIANA 1950: 295–296; VIANA 1955: 550–551.

20. DEUS, LOURO & VIANA 1955: 577. Estão descritos em artigo de Manuel Heleno (1951).

21. «7. No sitio mais elevado havia huma Torre meya demolida, a qual os camponezes desfizerão no anno de 1750, para empregarem a pedra nas obras da rezidencia do Parrocho.» (FONSECA, 2003: 194).

22. GOMES, MACEDO & BRAZUNA, 2001: 57.

Torre de Sequeira 1: «E no sopé da vertente oposta encontrei vestígios de templo, com capitéis, colunas, uma inscrição, talvez simples *aediculum*.»²³ Regressando ao edificado principal, verifica-se como, entre as construções no topo, articuladas em torno de um peristilo, e o núcleo termal, na base da elevação, encontram-se «terraços descobertos que desceriam o outeiro por degraus e que estariam decorados com plantas e alguns pequenos tanques»²⁴. Ou seja, teríamos patamares intermédios (os «terraços» nomeados por Luís Chaves), criando plataformas que quebravam a inclinação da encosta, ladeados por fontes e jogos de água²⁵, estando o conjunto orientado na direcção de onde se desfrutava a melhor contemplação do horizonte. Desta forma se criava um percurso ascendente que valorizava visualmente a adequação arquitectónica ao espaço envolvente. Os elementos escultóricos recolhidos (alguns, é certo, provenientes do edificio termal) demonstram o elevado requinte decorativo que o conjunto apresenta, salientado pela alvura do mármore que localmente se obtém no anticlinal de Estremoz, utilizado em abundância para forrar vários espaços de contenção de água com «grandes chapas de mármore, onde se notava o desgaste da serra a toda a largura»²⁶. São bem conhecidos os ornamentos marmóreos, como as colunas caneladas com motivos geométricos e as placas decorativas molduradas, com particular relevância para as figurações da flor de lótus, de óbvia influência oriental²⁷, sendo que alguns dos elementos escultóricos têm vestígios de pigmentação, o que lhes daria um notável aparato cromático. Em resumo, a *villa* de Santa Vitória demonstra bem a adequação de uma estrutura construída à paisagem envolvente, de acordo com elevados níveis de requinte, ostentação e de conteúdos culturais do mais alto calibre. Infelizmente muito condicionada pela depredação antrópica e pela erosão do local, as plantas publicadas evidenciam bem a complexidade estrutural do espaço edificado²⁸.

3.3. OTIVM ET VOLVPTAS NOS ESPAÇOS E AMBIENTES DE REPRESENTAÇÃO

Para o Alto Alentejo existem apenas duas *villae* cuja *pars urbana* foi integralmente escavada: Torre de Palma e Quinta das Longas, havendo neste último local a ressalva de a construção de um muro para separar as propriedades ter, em momento contemporâneo, destruído parte da linha de fachada da residência. Sendo dois locais com dinâmicas e realidades bem diversas, em ambos se encontra o mesmo módulo arquitectónico e planimétrico de base: a *villa*-bloco de peristilo, de acordo com a

23. CHAVES, 1956: 21. Ver também p. 89.

24. CHAVES, 1956: leg. Est. III. Ver descrição em CHAVES, 1936: 87.

25. E também as «condutas de água» mencionadas no relatório de Amélia Canilho (1986), que desaguam em tanques intermédios de *opus signinum*.

26. CHAVES, 1956: 98.

27. MATOS, 1995: n.º 122; ver também n.º 120. Todavia, o elemento mais notável que chegou até nós é sem dúvida a carranca fontenária que representa um jovem, que poderá pertencer ao núcleo termal (n.º 114).

28. 1936: 75, desdobrável Estampa III.

proposta de Jean-Gérard Gorges²⁹. Em ambas o espaço nobre por essência, a sala de tripla ábside (*triclinium*), está implantado no extremo oposto do compartimento de recepção e entrada da casa (*vestibulum*), com o peristilo de permeio, obrigando o visitante a percorrer todo um itinerário que, do ponto de vista decorativo e cultural, foi meticulosamente preparado de modo a que se vislumbrassem alguns compartimentos escolhidos. Os padrões vegetalistas monótonos que decoram os pavimentos de mosaicos de ambos os peristilos reforçam esta sensação, consubstanciando um percurso axializado: vestíbulo–peristilo–sala de tripla ábside, ficando esta reforçada como espaço primordial da residência, à qual se chega após um percurso que criou determinadas expectativas e impactos visuais e culturais no convidado.

Neste aspecto, ambos os planos manifestam uma tendência generalizada na *Lusitania* durante o mesmo momento cronológico, pois como é sabido, durante os séculos III e IV reforça-se a monumentalização dos espaços áulicos rurais³⁰. Criam-se estruturas arquitectónicas que enfatizam os ambientes cenográficos que o *dominus* pretende criar para os seus convivas, seja para impressionar quem o visita, seja para propiciar atmosferas privadas de *otium* ou de reflexão, criação literária, cultural ou de outro âmbito. Esta progressiva evolução na maneira como se habitam os espaços rurais provocam uma individualização das plantas e das gramáticas arquitectónicas e decorativas, promovendo uma «variété infinie des plans des fermes latines»³¹ que inclusivamente leva à emulação de protótipos arquitectónicos da esfera imperial palatina, como fica bem patente na reformulação final conduzida em São Cucufate. As divisões acessíveis aos visitantes tornam-se progressivamente maiores e mais complexas, sendo dotadas de soluções de aparato arquitectónico como as ábsides, cúpulas e nichos nas paredes, das formas arredondadas ou complexas como os trifólios e quadrilóbulos, por exemplo, que ampliam soluções ainda mais ousadas nos planos arquitectónicos, como os peristilos em hexágono ou em sigma. A dimensão construída torna-se por vezes esmagadora, como nas *villae* áulicas da Meseta central que chegam aos vários hectares na sua *pars urbana* (Noheda e Carranque como exemplos mais notórios), havendo também na Extremadura vizinha alguns casos bem significativos (La Cocosa, entre outras). No plano arquitectónico observamos uma cada vez maior diversificação de compartimentos onde, entre outros espaços, domina a sala de tripla ábside, que pode deter centenas de metros quadrados. Neste campo, se a sala de Quinta das Longas apresenta dimensões modestas, a de Torre de Palma é uma das mais amplas da *Lusitania*, no seguimento aliás do próprio peristilo,

29. 1979: 121, fig. 19. Note-se contudo que as duas *villae* representam processos absolutamente distintos: Torre de Palma é um exemplo de sítio de *estratigrafia horizontal*, que foi crescendo a partir de um núcleo central onde permanece uma casa de átrio de tradição itálica. Já Quinta das Longas constitui um caso de *estratigrafia vertical*, na medida em que um primeiro edifício de meados do século I d.C. foi totalmente apagado por uma radical reformulação arquitectónica em meados da terceira centúria, que originou uma *villa* inteiramente distinta.

30. Refira-se ainda que, dado o exíguo universo de amostra disponível, não é possível seguir a proposta de ADAMS (2008), que mostrou como com uma cuidada análise planimétrica e a utilização de cálculos estatísticos para contabilizar a percentagem de área edificada ocupada pelos espaços de entretenimento permitiu definir a funcionalidade *urbana* dos ambientes construídos. Assim se pode perceber a utilização destas estruturas para fins eminentemente sociais e de *convivium*, definindo o perfil ocupacional da própria *villa*.

31. GORGES, 1979: 115.

com 18m x 16m³². E note-se, afinal, como no centro da sala se encontrava, não uma elaborada cena histórica ou mitológica, mas o grande mosaico dos cavalos, enfatizando o emblema que tornava famosa e próspera a própria exploração fundiária. Neste caso, mosaico e espaço arquitectónico combinam-se de forma sumptuosa, evidenciando a diversidade de soluções de aparato que as grandes *villae* utilizam na passagem para a Antiguidade Tardia.

No Alto Alentejo temos apenas duas plantas de *pars urbana* integralmente escavadas, e ambas apresentam a mesma solução arquitectónica. Desta forma, perante tão escasso universo disponível, outros elementos são-nos desconhecidos, como o *triclinium* exterior de Verão³³ que permitia um desfrute dos espaços e do clima exterior com a privacidade propiciada pelo facto de se estar no interior da *villa*. Mas este desconhecimento ocorre apenas porque o incipiente estado das escavações arqueológicas não nos concede muitos exemplos para a análise.

A este nível, o *stibadium*³⁴ torna-se um elemento fundamental, pois reflecte as alterações nos hábitos de convivialidade que acentuam o poder do *dominus* e o cerimonial das refeições³⁵. Pouco conhecido na *Lusitania*, foi identificado em 2013 o primeiro reconhecido em *villae* do Alto Alentejo: a campanha de escavações em Horta da Torre (Cabeço de Vide, Fronteira) documentou um exemplar que domina o espaço interior de uma abside de grandes dimensões (FIGS. 3 e 4) Visto que os trabalhos arqueológicos no local apenas se iniciaram em 2012, o reconhecimento do espaço está ainda no seu começo, sendo impossível deter uma percepção da sala monumental onde a estrutura se encontra. Todavia, é já evidente que o *stibadium* está situado na extremidade de uma sala ricamente decorada, com revestimento parietal em grandes lajes de mármore branco (infelizmente arrancadas em momento indeterminado, pelo que só vestigialmente conservadas junto ao rodapé, como visível na FIG. 5), que teria revestimentos de *opus tessellatum* nas paredes ou no tecto, uma vez que a camada de sedimento que recobre o espaço da sala apresenta profusas quantidades de mosaicos fragmentados e que tombaram em posição invertida. O dado mais inesperado, porém, resulta do facto de a escavação demonstrar que o *stibadium* coroava uma sala que em determinadas ocasiões seria preenchida por

32. STEPHENSON, 2006: 40.

33. Vejam-se as descrições de Plínio o Jovem sobre os espaços de refeição das suas *villae* (*Ep.* 2.17; 4.30; 5.6). No século V ainda se procuram criar ambientes propícios ao *convivium* através de soluções com elevada espectacularidade, como a descrição de Sidónio Apolinário sobre as refeições na *villa* de *Avitacum* (*Ep.* 2.2.11.), sendo de relembrar que neste lugar existia um *triclinium* de Inverno (*hiemale triclinium*) e um outro utilizado exclusivamente pela sua mulher e convidadas (*triclinium matronalis*). Nestes espaços exteriores que são criados no interior da estrutura arquitectónica da casa procuram recriar-se ambientes de natureza, recorrendo sobretudo a fontes e/ou cascatas e a uma vegetação luxuriante, chegando mesmo a soluções mais ousadas: veja-se a descrição que Varrão faz de um jantar na *villa* do seu amigo *Hortensius* que decorre no meio de um *vivarium*, onde um actor vestido de Orfeu cantava rodeado pelos animais selvagens, enquanto os convivas ceavam (*R.R.* 3.4.3; 3.5.9–17; 3.13.2–3). Para estes temas ver o ensaio de DUNBABIN (1996).

34. Descrição de um *stibadium* em Plínio o Jovem (*Ep.* 5.6.36–37). Para momentos tardios Sidónio Apolinário deixa-nos outro relato, na sua *villa* de *Avitacum*, de uma estrutura deste tipo, essencial para os seus serões de *otium ruris litteratum et philosophicum* (*Ep.* 2.2.4–13); ver também a sua descrição de um banquete em honra do Imperador Majoriano (*Ep.* 1.11–10) para se perceber o rígido cerimonial e disposição hierárquica a que as relações conviviais obedeciam nos finais do Império (ano de 461).

35. Para exemplos arqueológicos deste tipo de estruturas ver sobretudo DUNBABIN (1991); MORVILLEZ (1996); VOLPE (2006). Para os cerimoniais envolvidos são imprescindíveis os estudos de SFAMENI (2004; 2006).



FIGURA 3. STIBADIUM DA VILLA DA HORTA DA TORRE VISTO DE NORTE APÓS OS TRABALHOS DE ESCAVAÇÃO REALIZADOS NO VERÃO DE 2013 DA RESPONSABILIDADE DO AUTOR.

água, libertada por uma comporta escondida na ábside por detrás do *stibadium*, e que corria livremente pela sala, que para esta finalidade se encontrava revestida por um pavimento em *opus signinum* robusto e de excelente qualidade, com uma meia-cana em todo o rodapé fazendo a ligação —e a fixação— das referidas placas de mármore. Neste espaço áulico, cuja escavação está no seu início, temos o aparato decorativo centrado no revestimento parietal (e eventualmente, também no tecto), mas existe uma solução de excepção que passa pelo enchimento de água do interior da estrutura, que certamente criaria uma ambiência notável recorrendo



FIGURA 4. STIBADIUM DA VILLA DA HORTA DA TORRE VISTO DE OESTE APÓS OS TRABALHOS DE ESCAVAÇÃO REALIZADOS NO VERÃO DE 2013 DA RESPONSABILIDADE DO AUTOR.

aos jogos de luzes e reflexos que as lajes de mármore e os mosaicos coloridos do interior da estrutura proporcionariam³⁶.

36. A solução arquitectónica de se conjugar o *stibadium* com a utilização da água está descrita nas epístolas de Plínio, nomeadamente da sua *villa in Tucis*, onde o Autor dispunha de um estúdio onde podia ler e trabalhar em sossego, por se encontrar distante do complexo principal da casa. Neste espaço utilizava um *stibadium* revestido a mármore de onde fluía água através de pequenas condutas discretamente inseridas na estrutura (*Ep.* 5.6.36–37: *In capite stibadium candido marmore vite protegitur; vitem quattuor columellae Carystiae subeunt. Ex stibadio aqua*



FIGURA 5. PORMENOR DO RODAPÉ EM *OPUS SIGNINUM* COM LAJE DE MÁRMORE NA UNIÃO À PAREDE DA GRANDE SALA IDENTIFICADA NA *VILLA DA HORTA DA TORRE* APÓS OS TRABALHOS DE ESCAVAÇÃO REALIZADOS NO VERÃO DE 2013 DA RESPONSABILIDADE DO AUTOR.

velut expressa cubantium pondere sipunculis effluit eavato lapide suseipitur, graeili marmore continetur atque ita occulte temperatur, ut impleat nec redundet). Em várias ocasiões Plínio refere a tranquilidade que o som da água corrente lhe inspirava como elemento fundamental para o *otium litteratum*. Um caso semelhante, o único paralelo rural para o território actualmente português, encontra-se na *villa* de Rabaçal, onde o *stibadium* estava «num ambiente no qual o pavimento de mosaico de todo o tricínio estaria pronto a receber um espelho de água» (PESSOA, 2008: 145), visto que foram identificadas «5 canaletas dispostas simetricamente» interpretadas como «ponto de entrada de água» (p. 144). Refira-se ainda que na Horta da Torre o *stibadium* seria revestido, não em mármore, mas em estuque, como no caso bem conhecido da *villa* de El Ruedo (Almedinilla, Cordoba; ver VAQUERIZO GIL & NOGUERA CELDRÁN, 1997) ou o exemplo paradigmático de Faragola (Volpe, 2006), entre outros sítios semelhantes (MORVILLEZ, 1996: fig. 1–2).

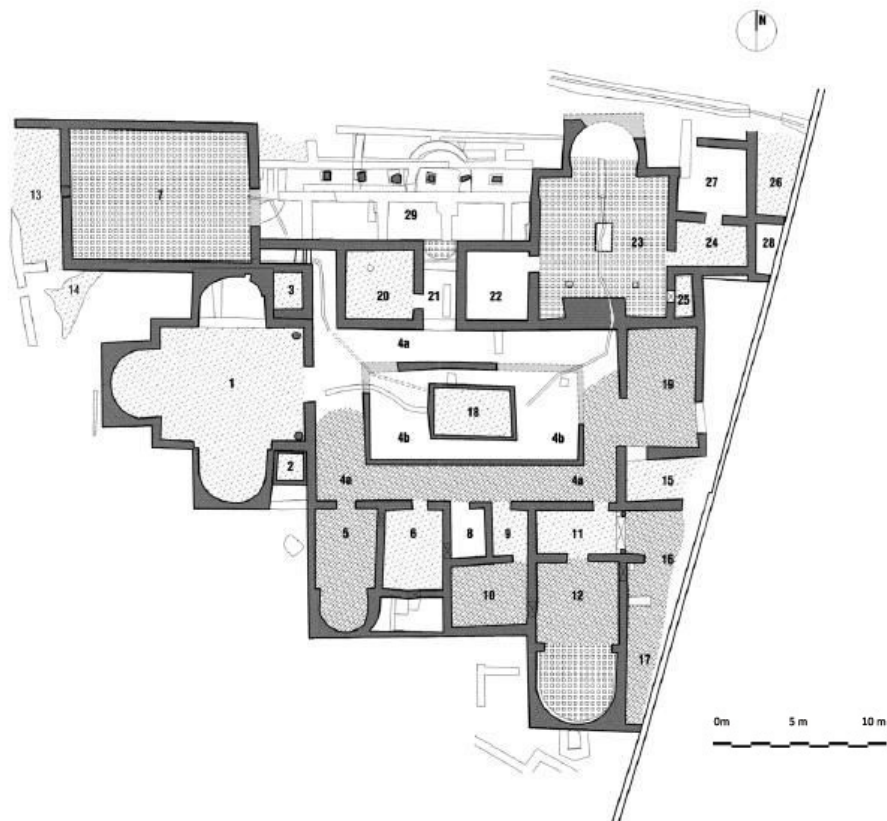


FIGURA 6. PLANTA DA PARS URBANA DA VILLA DA QUINTA DAS LONGAS.

Um esquema semelhante de utilização de água, embora com outros referentes culturais, encontra-se em Quinta das Longas, no espaço do ninfeu. O compartimento 23 (*vid.* FIG. 6) foi pensado ao pormenor e demonstra a capacidade inventiva na criação de ambientes que utilizam e manipulam soluções arquitectónicas e componentes da natureza para criarem um ambiente com fortíssima carga cenográfica, que denuncia um proprietário de elevada mundividência cultural, com claro apego aos valores helenísticos e a um repertório centrado na mitologia clássica. Esta concepção do espaço concretiza-se de várias formas: desde logo, no modo como a sala era abastecida por uma cascata artificial de água, que depois inundaria todo o compartimento, recorrendo ao contraste do pavimento de *opus sectile* em xadrez, com alvas lajes de mármore intercaladas com negras lousas de xisto, para criar jogos cromáticos de luz e ilusão que a água realçaria. Ocupando nichos nas paredes estariam elementos escultóricos provenientes do grupo de Afrodísias³⁷, ou seja, do outro extremo do Mediterrâneo, o que demonstra bem a exigência e a mundividência do encomendante, visto que se trata de uma matéria-prima existente localmente, no anticlinal de Estremoz. Estas peças compõem um ciclo

37. NOGALES BASARRATE, CARVALHO & ALMEIDA, 2004.

mitológico absolutamente coerente entre si e meticulosamente adaptado ao espaço arquitectónico onde foram colocadas, sendo este aspecto visível no pormenor de as esculturas apresentarem dois grupos de dimensões diferentes, realçando assim os efeitos cénicos e dramáticos da composição. Finalmente, note-se ainda a relação visual do espaço com o curso de água da ribeira de Chaves, situação potenciada por ser o compartimento mais próximo da linha de água, com uma possível varanda, ou mesmo uma ponte que sobre ele corria.

O ninfeu da Quinta das Longas é um espaço ainda mais notável por ocorrer em um sítio que não apresenta particulares características do ponto de vista das soluções ornamentais e decorativas. A sala de tripla ábside tem um piso de *opus signinum* relativamente modesto, e todos os pavimentos de *opus tessellatum* apresentam padrões vegetalistas, relativamente simples e monótonos. Este facto é obviamente intencional, e visava que o foco da atenção do visitante se concentrasse em outros pontos visual e culturalmente mais sugestivos. Neste aspecto, alerta-nos ainda para a *dimensão da ausência*, ou seja, para o facto de em certas *villae* os programas decorativos se centrarem em elementos ornamentais e/ou móveis (como os escultóricos), e não tanto nas soluções arquitectónicas, que até poderiam ser mais monótonas e padronizadas. E neste caso, os poucos elementos escultóricos recenseados para as *villae* do Alto Alentejo³⁸ —que mais não reflectem do que o grau incipiente da investigação arqueológica— mostram-nos como há ainda muito por saber na determinação das componentes culturais e decorativas destes sítios.

3.4. OTIVM LITTERATVM: CULTURA E ERUDIÇÃO NAS VILLAE DO ALTO ALENTEJO

Regressando à *villa* de Quinta das Longas, um espaço salienta-se nesta aparente modéstia: o compartimento n.º 12 (*vid.* FIG. 6) situado precisamente defronte do ninfeu, na ala oposta do peristilo. Está antecedido por um pequeno *vestibulum*, que se apresenta como o compartimento que contém o pavimento musivo mais relevante da *villa*, pois as *tessellae* de vidro e calcário concedem aos padrões vegetalistas uma acentuada policromia, que realça o esmero na colocação dos motivos³⁹. O espaço principal é mais amplo e estava revestido com lajeado de mármore, mas o facto mais notável reside no facto de este compartimento se encontrar dotado de *tubuli* inseridos no forro da parede, alimentados por um hipocausto que se encontra sob a divisão. Teríamos aqui um *scriptorium* de Inverno, onde o *dominus* poderia ler e trabalhar, ou um *triclinium* invernial, para recepção de convidados? Seja como

38. Ver o quadro-síntese contido em CARNEIRO, 2011:82. Acrescente-se aos exemplares ali contidos o elemento noticiado na *villa* de Carrão, um sítio já referido no presente texto, e da qual se deixou uma nota insólita que muito diz das dificuldades de investigação nesta área face à insensibilidade de alguns autores das descobertas: «Em 1942 [informaram A. Dias de Deus] de que na ocasião da debulha os trabalhadores tinham achado uma cabeça de estátua, com a qual se divertiram, atirando-a uns aos outros, à maneira de bola. A despeito das diligências empregadas por António Dias de Deus, tal cabeça não voltou a aparecer.» (VIANA, 1950: 296).

39. OLIVEIRA, CARVALHO & ALMEIDA (2011).



FIGURA 7. IMAGEM DO MOSAICO QUE REVESTE PARTE DO MAUSOLÉU DE GALLA PLACIDIA (RAVENNA)

for, este é o espaço onde o investimento nos índices de conforto é mais elevado, indicando que era um compartimento particularmente relevante e apreciado.

A este respeito, relembre-se a descrição que Plínio o Jovem deixou de um dos seus lugares preferidos para a leitura e reflexão: acessível através de um *heliocaminus*⁴⁰, uma galeria repleta de janelas que permitiam a contemplação da paisagem,

40. Ep. 2.17: *In hac heliocaminus quidem alia xystum, alia mare, iitraque solem, cubiculum autem valvis cryptoporticum, fenestra prospicit mare.*

estava o estúdio onde o magistrado lia e escrevia. Pela descrição deixada, este seria um compartimento que terminava em ábside, revestida de grandes janelas para beneficiar da máxima entrada de luz solar⁴¹. Contudo, o espaço funcionava durante todo o ano, e para tal estava equipado com um *hypocaustum*⁴² que lhe concedia todas as comodidades e confortos para os seus momentos de *otium litteratum*. Na Quinta das Longas, a identificação da sala n.º 12 permite propor uma funcionalidade semelhante, visto que, além das suas características arquitectónicas e decorativas, o compartimento encontra-se no eixo axial da casa. Note-se contudo que infelizmente ficou truncado o compartimento gémeo, com o qual tinha comunicação directa pelo *vestibulum* de entrada, porque o actual muro de propriedade o destruiu. Estava situado mais próximo da entrada da *villa* e beneficiava também do sistema de aquecimento do n.º 12. Sabemos que existiam «estruturas duplas» nos espaços reservados para a leitura e discussão⁴³, por serem separados para homens e mulheres, o que constitui outro dado interessante para a Quinta das Longas. Ou seja, as evidências que chegaram até nós em residual estado de conservação indicam-nos que estes eram dois espaços de grande importância, situados junto à entrada da casa e que fariam parte do circuito de espaços acessíveis a visitantes, o que implica uma expressiva valoração vivencial. Infelizmente não é possível verificar se existe um *armarium*, um móvel inserido na parede (FIG. 7) que permitia a arrumação dos manuscritos que constituíam a sua *bibliotheca*, embora a inflexão no muro oeste da sala n.º 12 permita sustentar esta hipótese⁴⁴.

Olhando para o Alto Alentejo, podemos rastrear um outro compartimento semelhante na *villa* de Santa Vitória do Ameixial. Em recentes trabalhos de escavação verificou-se a presença de um hipocausto na ala noroeste do peristilo, possivelmente para aquecimento do compartimento que lhe estaria sobrejacente⁴⁵. A localização deste espaço na planta da *pars urbana*, em centralidade semelhante à da *villa* de Quinta das Longas, e os paralelos dos pormenores planimétricos, advogam a existência de um compartimento com idêntica funcionalidade, podendo tratar-se de um *scriptorium* ou de um *triclinium* de Inverno. Esta situação é compaginável com o perfil de ocupação da *villa*, onde os elementos de grande aparato são numerosos, desde as esculturas, as pinturas murais ou os frisos marmóreos até aos elementos da cultura material, que apontam para um local onde a *voluptas* na vivência dos ambientes áulicos é bem evidente⁴⁶.

41. Ep. 2.17: «Adnectitur angulo cubiculum in hapsida curuatum, quod ambitum solis fenestris omnibus sequitur. Parieti eius in bybliothecae speciem armarium insertum est, quod non legendos libros, sed lectitandos capit. Adhaeret dormitorium membrum transitu interiacente, qui suspensus et tabulatus conceptum uaporem salubri temperamento huc illuc digerit et ministrat.»

42. Ver também FORNELL MUÑOZ, 2009: 145.

43. CARRIÉ, 2010, apresenta uma sugestiva passagem da obra de Sidónio Apolinário (*Ep.* 2.9.4) que refere esta situação. Vejam-se ainda os paralelos planimétricos que o autor apresenta, muito relevantes se comparados com a *villa* de Quinta das Longas, na medida em que na maior parte das *villae* representadas o compartimento está junto da zona de entrada do complexo residencial.

44. Para uma ilustração bem expressiva, ver a citada obra de CARRIÉ, 2010: fig. 1.

45. GOMES, MACEDO & BRAZUNA, 2001: 57.

46. Os materiais arqueológicos recolhidos nas numerosas intervenções no local são mal conhecidos e nunca foram objecto de uma análise cuidada. Apenas são enumerados os da última escavação, entre os quais se incluem várias jóias e objectos de adorno, incluindo anéis em bronze, um brinco em ouro, alfinetes de cabelo e contas de

Infelizmente, pela disposição dos padrões de mosaico no sítio elvense não se consegue discernir a presença de algum mobiliário que identificasse este espaço como um *scriptorium* ou como um *lugar de letras*⁴⁷; quanto ao sítio de Santa Vitória do Ameixial, a erosão dos níveis arqueológicos é ainda superior. Também nada sabemos sobre uma outra dimensão: a artefactual e material, visto não existirem elementos de mobiliário que tenham sido encontrados nas escavações realizadas no interior destes compartimentos⁴⁸, embora pelos textos literários saibamos que estes espaços de leitura, escrita e reflexão estavam ornados de móveis e estantes que propiciavam a fruição do espaço enquanto área de estudo e erudição⁴⁹, tão conformes aliás ao entendimento da *villa* enquanto local de *otium*. Pensar na existência de compartimentos deste âmbito nos sítios rurais do Alto Alentejo é entender, na escala própria da região, a replicação dos locais onde Plínio procurava desfrutar da vivência campestre para regenerar o desgaste que a *urbs* naturalmente causava. Nestes espaços onde trabalhou, procurando o isolamento do mundo exterior, procurava-se seguir o *caminho das Musas* para o conhecimento e harmonia interior⁵⁰, através da leitura, da reflexão e da escrita, tão conformes aos ideais que se estabelecem ao longo do Império. Assim se cumpria a vocação urbana da *villa* enquanto espaço de *otium*, por contraponto ao bulício das actividades agro-pecuárias que decorriam no seu *fundus* envolvente.

4. UM OLHAR GERAL: FRUIÇÃO E VIVÊNCIA RÚSTICA NAS VILLAE DO ALTO ALENTEJO

A análise do perfil vivencial das *villae* alto-alentejanas está para já comprometida pela escassa amostra disponível: se em inventário recente se propôs a existência de 121 sítios que podem pertencer a esta classe⁵¹, apenas para dois deles —Quinta das Longas e Torre de Palma— dispomos de *pars urbanae* integralmente escavadas. Portanto, determinar o modo como estes locais funcionaram do ponto de vista do entendimento que deles o *dominus* tinha é, necessariamente, uma tarefa tornada complexa pela exiguidade de dados disponíveis.

Contudo, olhando para os locais existentes, uma impressão emerge: para a formulação da identidade que cada proprietário pretendeu para a sua *villa* existe uma estratégia coerente, que passa pela implantação do sítio na paisagem, pela modelação e integração da estrutura construída nessa mesma envolvente, pela

colar, além de um importante conjunto de baixela e vasos em bronze; acrescentem-se malhas e fichas de jogo, incluindo um tabuleiro, não esquecendo uma ocarina em cerâmica figurando uma cabeça de pássaro (GOMES, MACEDO & BRAZUNA, 2001: 65). Os materiais recolhidos por CHAVES (1956) são mencionados nas pp. 104–106, incluindo uma *bulla* de ouro, um relevante indicador de *status*.

47. Para utilizar a mais neutra designação adoptada por CARRIÉ (2010), dadas as especificidades formais e estruturais que estes espaços poderiam implicar.

48. Um exemplo dos elementos de mobiliário que poderiam ser encontrados está em MOLS, 2007–2008.

49. Ver exemplos em CARRIÉ, 2010: 70.

50. Cito directamente MORAND, 1994: 212.

51. CARNEIRO, 2011. Os critérios para a inclusão de sítios nesta classe estão explicitados em «2. Critérios e metodologias de trabalho no quadro territorial de referência».

planimetria arquitectónica e concepção dos ambientes, e que termina no preenchimento desses mesmos espaços internos com elementos decorativos carregados de conteúdos culturais. Ou seja (e em resumo), cada *villa* é um refúgio identitário onde o *dominus* pretende mostrar a sua coerência e mundividência cultural, para isso desenhando cuidadosamente um espaço de vivência que transmite essa mesma estratégia de posicionamento identitário. E quanto mais os conteúdos procuram o *otium* e a *voluptas*, mais vemos como essa linha coerente se materializa em todos os domínios citados.

Apesar dos dados serem de uma escassez evidente, parecem verificar-se vários modelos de *villae*, conforme já foi explicitado, quer do ponto de vista planimétrico⁵², quer nos perfis da rede de povoamento⁵³: em alguns casos temos *villae* com uma estrutura arquitectónica monumental, configurando a existência de *possessores* que expressam a sua capacidade financeira e influência social pela volumetria da estrutura construída; e em outros casos temos *villae* mais restritas, mas onde a carga de conteúdos culturais, ou da *voluptas* cénica dos ambientes, assume maior representatividade. No fundo, nesta fruição da *villa*, e no impacto que se pretende causar nos visitantes, encontra-se uma outra tensão reconhecida para a Antiguidade Tardia: aquela existente entre os *homens fortes*, os latifundiários que congregam o poder da terra, face aos *homens notáveis*, aqueles que expressam a sua autoridade utilizando os símbolos de uma cultura erudita carregada de conteúdos de prestígio. Em ambos os casos a *villa* é um instrumento dessa afirmação, que é feita através de um desenho cuidadoso da estrutura, em face dos efeitos pretendidos. Para tal, a casa insere-se na paisagem, modela-a e altera-a no exterior, e cria novos ambientes e percepções nos seus interiores. Um jogo cuidadoso e consciente, que expressa também as profundas alterações que a Antiguidade Tardia traz na esfera social.

52. GORGES, 1979.

53. CARNEIRO, 2011.

BIBLIOGRAFIA

- COLUMELA: *Res Rustica*, Trad. Harrison Boyd Ash, 3 volumes, Cambridge Massachusetts, Harvard University Press (Loeb Classical Library), 1960.
- PLINIO-O-JOVEM: *Letters*. Trad. William Melmoth, London/New York, William Heinemann/ Putnam's Sons (Loeb Classical Library), 1931.
- *Complete Letters*. Trad. P. G. Walsh, Oxford, Oxford World's Classics, 2006.
- SIDONIO APOLLINÁRIO: *Lettres*. Trad. A. Loyen, Paris, Les Belles Lettres, 1970.
- VARRÃO: *De Agricultura*. Trad. Rev. T. Owen, Oxford, Oxford University Press, 1800.
- VITRUVIO: *Tratado de Arquitectura*. Trad. M. Justino Maciel, Lisboa, Instituto Superior Técnico Press.
- ADAMS, Geoff W. (2008): *Rome and the social role of Elite Villas in its suburbs*. (BAR International Series 1760) Oxford, Archaeopress.
- DE ALMEIDA, Maria José (2000): *Ocupação rural romana no actual concelho de Elvas*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2 volumes [policopiado].
- D'ARMS, Jonathan (1970): *Romans on the Bay of Naples: a social and cultural study of the villas and their owners from 150 BC to AD 400*. Cambridge Mass.
- BARTON, J.M. (ed.) (1996): *Roman domestic buildings*. Exeter, University of Exeter Press.
- CARNEIRO, André (2009–2010): «A cartografia dos cultos religiosos no Alto Alentejo em época romana: uma leitura de conjunto», *Hispania Antiqua* n.º 33–34, pp. 237–272.
- (2011): *Povoamento rural no Alto Alentejo em época romana. Vectores estruturantes durante o Império e Antiguidade Tardia*. Tese de Doutoramento em Arqueologia apresentada à Universidade de Évora, 2 volumes [policopiado].
- CARRIÉ, Jean-Philippe (2010): «Les lieux des lettres dans les villae occidentales pendant l'Antiquité Tardive», *Antiquité Tardive* 18, pp. 63–74.
- CARVALHO, António & DE ALMEIDA, Maria José (2003): «A água e o mármore na villa baixo-imperial da Quinta das Longas (S. Vicente e Ventosa, Elvas)» *Elvas-Caia. Revista Internacional de Cultura e Ciência*, pp. 113–126.
- CHAVES, Luís (1936): «Mosaicos lusitano-romanos em Portugal», *Revista de Arqueologia*, vol. III, n.º 3, pp. 21–23, 56–60 e 83–87.
- (1956): Estudos lusitano-romanos. 1. A Villa de Santa Vitória do Ameixial. *O Arqueólogo Português*, vol. 30, pp. 14–117.
- DE DEUS, António Dias, LOURO, Henrique da Silva & VIANA, Abel (1955): «Apontamentos de estações romanas e visigóticas da região de Elvas (Portugal)» *III Congresso Arqueológico Nacional (Galicia 1953)*. Zaragoza, pp. 568–578.
- DIAS, Ana Carvalho (1994): «Monte de S. Salvador.» *Informação Arqueológica* n.º 9, p. 122–125.
- DUNBABIN, Katherine (1991): «Triclinium and stibadium», en Slater, J. (ed.): *Dining in a Classical Context*, Ann Arbor, pp. 121–148.
- (1996) «Convivial spaces: dining and entertainment in the Roman villa» *Journal of Roman Archaeology* vol. 9, pp. 66–80.
- FONSECA, Teresa (2003): *António Henriques da Silveira e as memórias analíticas da vila de Estremoz*. (Biblioteca fontes & inventários, 2ª série geral 1) Lisboa, Edições Colibri/CIDEHUS.

- FORNELL MUÑOZ, Alejandro (2009): «Las epístolas de Plinio el Joven como fuente para el estudio de las *uillae* romanas», *Circe*, n.º 13, pp. 139-155.
- GOMES, Sofia de Melo, MACEDO, Marta & BRAZUNA, Sandra (2001): «Apresentação dos trabalhos arqueológicos de 1997 na villa de Santa Vitória do Ameixial» *Era-Arqueologia* n.º 1, pp. 52-67.
- IRCP = d'Encarnação, José (1984): *Inscrições Romanas do Conuentus Pacensis*. Coimbra, IAFLUC.
- GORGES, Jean-Gérard (1979): *Les Villas Hispano-Romaines: inventaire et problématique archéologiques*. (Publications du Centre Pierre Paris, 4) Paris, E. de Boccard.
- HELENO, Manuel (1951): «Arqueologia de Elvas. Notícia preliminar» *O Arqueólogo Português*, Série II, n.º 1, pp. 83-94.
- MARZANO, Annalisa (2007): *Roman villas in central Italy: a social and economic study*. Leiden.
- DE MATOS, José Luís (1995): *Inventário do Museu Nacional de Arqueologia. Coleção de escultura romana*. Lisboa, Instituto Português de Museus.
- MOLS, Stephan (2007-2008): «Ancient roman household furniture and its use: from Herculaneum to the Rhine» *Anales de Prehistoria y Arqueología de la Universidad de Murcia*, n.º 23-24, pp. 145-160.
- MORAND, Isabelle (1994): *Idéologie, culture et spiritualité chez les propriétaires ruraux de l'Hispanie romaine*. (Publications du Centre Pierre Paris 27) Paris, Diff. De Boccard.
- MORVILLEZ Eric (1996): *Sur les installations de lits de repas en sigma dans l'architecture du Haut et du Bas-Empire*, *Pallas* 44, pp. 119-138.
- NOGALES BASARRATE, Trinidad, CARVALHO, António & ALMEIDA, Maria José (2004): «El programa decorativo de la Quinta das Longas (Elvas, Portugal): modelo excepcional de la *villae* de la Lusitania» en *Actas de la IV Reunión sobre Escultura Romana en Hispania* (Lisboa/Cascais, 7 a 9 de Fevereiro), p. 103-156.
- OLIVEIRA, Cristina, CARVALHO, António & ALMEIDA, Maria José de (2011): «La villa de Quinta das Longas (Elvas - Portugal): les mosaïques du Bas-Empire», x *Colóquio Internacional da Associação Internacional para o Estudo do Mosaico Antigo (AIEMA)* (Conimbriga, 29 de Outubro a 3 de Novembro de 2005).
- PESSOA, Miguel (2008): «Um *stibadium* com mosaico na villa romana do Rabaçal» *Revista de História da Arte* n.º 6, pp. 139-161.
- DE QUINTELA, António, CARDOSO, João Luís & MASCARENHAS, José Manuel (1987): *Aproveitamentos Hidráulicos Romanos a Sul do Tejo: contribuição para a sua inventariação e caracterização*. Lisboa, Ministério do Plano e da Administração do Território.
- (1999): «Barrages romains au sud du Tage (Portugal)» In: Gorges e Rodríguez Martín (1999) (eds) *Économie et territoire en Lusitanie romaine*. (Collection de la Casa de Velazquez 65) Madrid, Casa Velazquez, pp. 197-226.
- SFAMENI, Carla (2004): «Residential villas in Late Antique Italy: continuity and change», en Bowden, Lavan, Machado (ed), *Recent research on the Late Antique countryside*. (Late Antique Archaeology vol. 2) Leiden/Boston, Brill. pp. 335-376.
- (2006): *Ville residenziali nell'Italia tardoantica*. Bari, Edipuglia.
- STEPHENSON, John W. (2006): *A social history of Late Roman Villas in Hispania*. Dissertation submitted to the Faculty of the Graduate School of Emory University for the degree of Doctor in Philosophy, [policopiado].
- TERRENATO, Nicola (2007): «The essential countryside: farms, villages, sanctuaries, tombs», In S. Alcock, R. Osborne (Eds.), *Classical Archaeology*, London, Blackwell, 139-161.
- VAQUERIZO GIL, Desiderio & NOGUERA CELDRÁN, J.M. (1997): *La villa romana de El Ruedo (Almedinilla, Córdoba)*. *Decoración escultórica y interpretación*, Murcia.

- VIANA, Abel (1950): Contribuição para a arqueologia dos arredores de Elvas. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, Vol. 12 (3-4), pp. 289-322.
- (1955): «Notas de corografia arqueológica» *Brotéria*, Vol. LXI, pp. 545-556.
- VOLPE, Giuliano (2006) «*Stibadium e convivium* in una villa tardoantica (Faragola - Ascoli Satriano).» en Silvestrini, M., Spagnoulo Vigorita, T. & Volpe, G. (eds.): *Studi in onore di Francesco Grelle*. Bari, pp. 319-349.
- ZARMAKOUPÍ, Mantha (2010): «The architectural design of luxury villas around the Bay of Naples.» *Amoenitas* 1, pp. 33-41.